

2015|2018

**PROJETO
EDUCATIVO DE ESCOLA**

Escola Secundária

Domingos Rebelo



CONTEÚDO

INTRODUÇÃO.....	3
I CONTEXTUALIZAÇÃO DO PROJETO	7
1. Caracterização do Meio	7
2. Escola	9
3. Orgânica da Escola	16
4. Caracterização da Escola.....	17
II DESENVOLVIMENTO DO PROJETO EDUCATIVO	22
1. Finalidades do Projeto Educativo	22
2. Princípios, Valores e Competências	23
3. Missão	28
4. Áreas de Atuação	29
5. Quadro de Operacionalização da Ação Educativa	30
III AVALIAÇÃO.....	36
ANEXOS.....	38



INTRODUÇÃO

A Educação, preocupação fundamental de uma sociedade que se quer livre e democrática é o alicerce sem o qual nada de sólido se pode construir.

O desejo do homem de prever o amanhã e controlar o que o rodeia é tão antigo quanto o próprio homem e concretiza-se, ao longo da história da humanidade, em formas muito diversas, das quais a mais recente, para o setor da educação formal em instituições escolares, assume o formato de projeto educativo.

É assim que se exige que a ação das comunidades educativas se antevêja naquilo que pretende vir a ser, e que este esforço de delineamento dum futuro possível e desejável seja feito a partir das escolas.

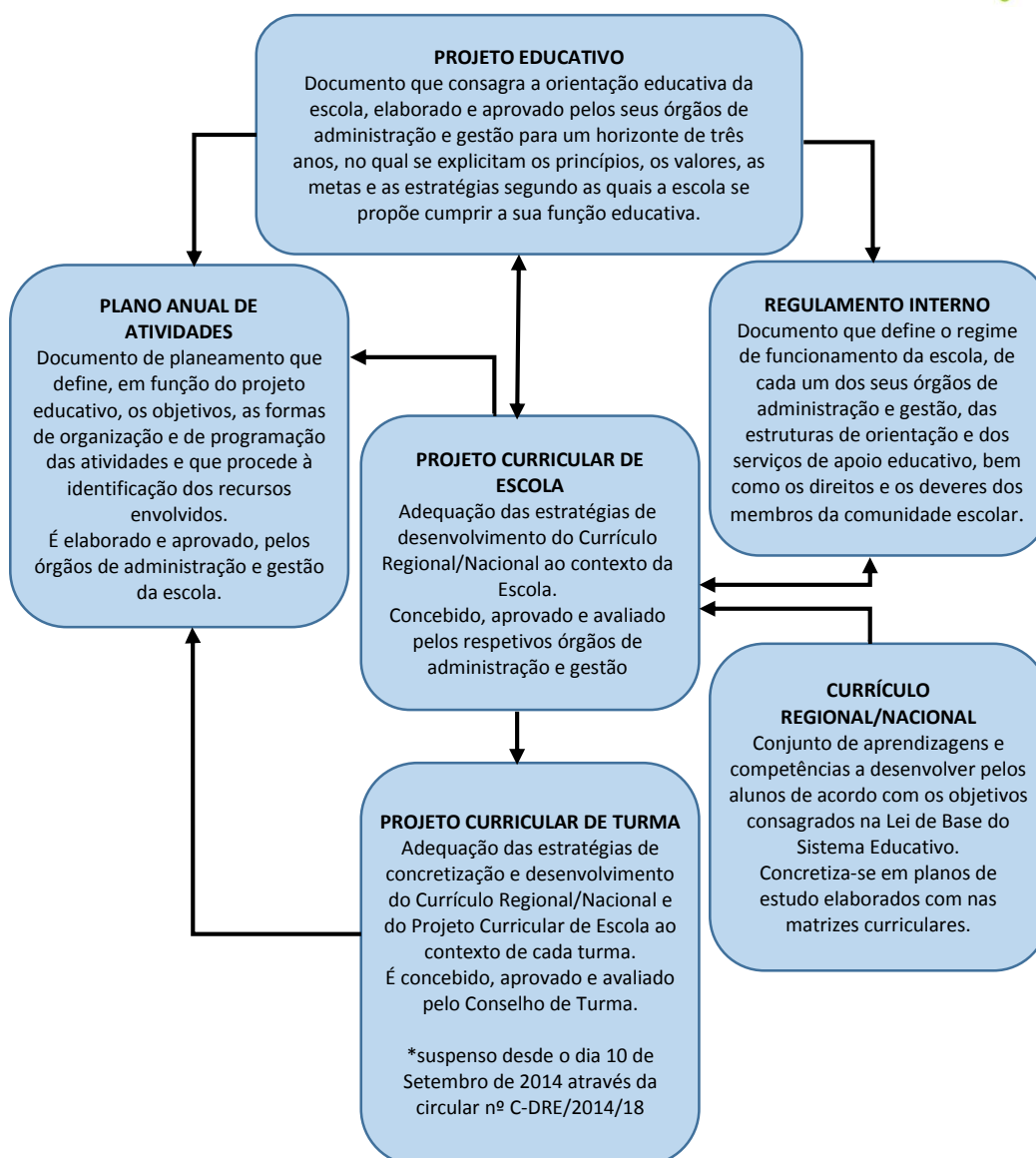
Por isso, é necessário a elaboração de um Projeto Educativo que, simultaneamente, reflita o projeto nacional de educação e consagre o princípio da autonomia das escolas.

Neste contexto, o Projeto Educativo deve ser concebido numa perspetiva dinâmica e de permanente mudança, partindo da realidade com vista à melhoria do ato educativo. Este desenvolve-se a partir do conhecimento da situação escolar em interação com as famílias, a autarquia, as associações culturais, empresas e outros atores envolvidos na problemática da educação com vista ao sucesso de todos os seus membros, especialmente os alunos.



Este documento visa ser um espelho da ação e do esforço de toda a comunidade, bem como das suas expectativas, resultado de um processo de reflexão, com a cooperação de todos os membros envolvidos no processo, de forma a melhorar o serviço prestado.

Assim, o Projeto Educativo que agora se apresenta estabelece um conjunto de princípios, valores, metas e linhas gerais de intervenção para o triénio de 2015 a 2018, após uma avaliação e revisão pormenorizada do Projeto Educativo anterior, capaz de garantir um sentido para as diversas ações dos diferentes intervenientes na escola e que irão constar nos Projetos Curriculares de Escola, Planos Anuais de Atividades e quaisquer outros documentos que requeiram uma fundamentação no ideário da Escola.



O presente documento estrutura-se em torno de duas partes, uma de contextualização e outra projetiva. Na primeira parte faz-se uma breve caracterização da Escola e da envolvente socioeconómica do Concelho de Ponta Delgada, assim como um levantamento dos recursos físicos e humanos existentes ao nível da escola. Na segunda parte são definidas as finalidades do Projeto Educativo, assim como um conjunto de princípios reguladores de toda a prática educativa, de valores a respeitar, de competências a desenvolver e da missão da Escola. Definem-se, ainda, as áreas de atuação prioritária da Escola, a partir das



quais se identificam os objetivos, bem como as estratégias e ações consentâneas com a sua operacionalização.

No processo de revisão e atualização deste Projeto, teve-se em linha de conta toda a informação veiculada nos relatórios de avaliação dos planos anuais de atividades e toda a legislação que, entretanto, foi emanada pela tutela.



I CONTEXTUALIZAÇÃO DO PROJETO

1. Caracterização do Meio

“O Homem educa-se de facto, socialmente, quer dizer, a sua educação está em grande parte determinada e produzida pela realidade social em que se encontra circunscrito”

Francisco Guil Blanes, 1972

Localizado no extremo oeste da ilha de S. Miguel, o Concelho de Ponta Delgada inclui vinte e quatro freguesias (Relva, Arrifes, Covoada, Ajuda e Pilar da Bretanha, Candelária, Feteiras, Ginetes, Mosteiros, Sete Cidades, Remédios, Santa Bárbara, Santo António, Fenais da Luz, São Vicente Ferreira, Capelas, Fajã de Baixo, Fajã de Cima, Livramento, São Roque, São Sebastião, Santa Clara, São José e São Pedro), sendo o concelho que mais população e atividades económicas concentra. Os seus 233,7 Km² de área são ocupados por cerca de 66 mil habitantes (28% da população dos Açores), com uma densidade populacional de 282 hab/Km², muito acima dos 104 hab/km² da Região.

Atualmente, o concelho apresenta uma amostra das principais atividades económicas que se desenvolvem nos Açores. Com uma forte concentração na área dos serviços, o concelho não deixa de ter um papel importante na produção industrial e no setor primário, particularmente as atividades associadas à agropecuária. A bacia dos Arrifes e Covoada é uma das zonas mais importantes da ilha de S. Miguel e dos Açores no que toca à



produção de leite. Igualmente importantes no setor primário são todas as freguesias localizadas para poente.

O maior peso das empresas da área dos serviços neste concelho, quando comparado com o resto dos Açores, advém da concentração de atividades económicas como serviços bancários, serviços informáticos, serviços de apoio a empresas, serviços comerciais e turismo, entre outros.

A Escola Secundária Domingos Rebelo insere-se, assim, num concelho com grande mobilidade entre o meio urbano e rural, recebendo alunos destas duas realidades distintas. Localizada na zona poente da cidade, encontra-se circundada por várias áreas residenciais, por um centro comercial, uma estação de serviço, pelo cemitério de S. Joaquim, por escolas do 1º e 2º ciclo, pelo Hospital do Divino Espírito Santo, pelo Jardim Botânico António Borges e por várias instituições e organismos.

A Escola tem uma área de terreno de 24.700 m², uma área de implantação de 5.525 m² e uma área de construção de 13.336 m². Com um total de 74 salas de aula de suporte à sua atividade.

Em resultado da remodelação e requalificação realizada na escola as funcionalidades educativo-pedagógicas encontram-se assim distribuídas: laboratórios de ciências, ginásio, sala de ginástica/dança, pavilhão, salas de informática, laboratórios de línguas, laboratório de matemática, oficina de eletrónica e informática, oficina de eletricidade e automação, oficina de carpintaria, auditório, biblioteca, sala de convívio dos alunos, bares de alunos e de funcionários, salas de departamentos, sala



de diretores de turma, gabinetes de apoio educacional, arquivo e outras instalações.

A preocupação em ajudar a solucionar os problemas de uma população oriunda de contextos sociais muito diversificados resultou numa resposta educativa vasta e variada, de modo a satisfazer os interesses e solicitações da comunidade, colmatar dificuldades de aprendizagem identificadas e, ainda, contemplar as oportunidades de empregabilidade detetadas na região pela Direção Regional do Emprego e Qualificação Profissional.

A preocupação referida inicialmente está patente nas ações de orientação escolar e vocacional, promovidas anualmente pela Escola, com a colaboração de membros da comunidade e na oferta formativa que compreende cursos orientados para o prosseguimento de estudos, cursos orientados para a vida ativa (Profissionais e PROFIJ), Programa Oportunidade e Cursos para Adultos – Ensino Recorrente por Blocos Capitalizáveis.

A oferta formativa é complementada com um Plano Anual de Atividades que promove as práticas cultural e desportiva no âmbito local, regional, nacional e internacional.

2. Escola

2.1 Notas Históricas

A Escola Secundária Domingos Rebelo é fruto de um longo percurso que data de mais de um século. Tudo começou em 1889 com a criação da então Escola de Desenho Industrial Velho Cabral, por decreto de Emílio Navarro, considerado por muitos



um grande impulsionador do ensino profissional. Com este decreto são criadas as *Escolas Técnicas* nos Açores (Angra e Ponta Delgada). Apesar do decreto ter sido publicado a 22 de agosto de 1889, a Escola só começou a funcionar em 1 de outubro de 1890.

Desde 1890 até dezembro de 1929 funcionou no solar onde nasceu o poeta Antero de Quental, na Rua do Castilho, nº15.

O arranque tardio da Escola ficou a dever-se à desconfiança com que se olhava naqueles tempos para o *Ensino Técnico Profissional*. Era motivo de algum prestígio os rapazes e raparigas irem para os *Liceus*. As *Escolas Técnicas* eram assumidas como locais para os menos favorecidos. Inicialmente, arrancou apenas com o curso de Desenho Industrial.

No ano letivo de 1894-95 é criado mais um "departamento" – a *Oficina de Marceneiro Entalhador*. Esta oficina veio estimular a inscrição de novos alunos que vieram compensar algum decréscimo que se havia sentido em anos anteriores.

A frequência de alunos, apesar de diminuta, manteve-se constante durante longos anos. Esta situação deveu-se essencialmente a dois fatores: à competência dos seus professores e mestres e, em segundo lugar, aos bons resultados que os alunos alcançavam, como se pode comprovar pela leitura de extratos da comunicação social da altura.

Dos professores e mestres que engrandeceram o nome da Escola e asseguraram a sua continuidade e evolução, destacam-se os nomes de *Constâncio Gabriel da Silva*, *D. Manuel de la Quadra*, *Artur Jaime Viçoso May*, *Domingos Rebelo*, *José Soares Cordeiro* e *Januário da Costa*.



As reformas do ensino tinham, noutros tempos, tal como ainda hoje acontece, um grande impacte sobre as escolas, levando-as a adaptarem-se às novas diretrizes. Assim, a 5 de dezembro de 1918, pelo Decreto 5 029, mandado publicar pelo Ministro Azevedo Neves, dá-se início a uma reforma que vem fazer a "revisão da categoria dos estabelecimentos de ensino técnico do país". Assim, até a então designada *Escola de Desenho Industrial Velho Cabral* passa a denominar-se *Escola de Artes e Ofícios*.

Esta nova designação duraria apenas 7 anos, dado que um Decreto de 17 de março de 1925 altera o nome de *Escola de Artes e Ofícios* para *Escola Comercial e Industrial Velho Cabral*. Apesar de não se terem iniciado os novos cursos preconizados pela reforma, o corpo docente chegou a ser nomeado, sendo dirigido pelo Dr. Luís Bernardo Leite Ataíde, um antigo aluno da Escola.

Entretanto, em janeiro de 1930, a Escola muda de residência, passando a funcionar na Rua Ernesto do Canto, nº 40, permanecendo aí até setembro de 1937.

No ano seguinte, por Decreto de 20 de outubro, criam-se os cursos de *Carpinteiro-Marceneiro*, *Serralheiro*, *Costura e Bordados* e de *Comércio*. Este último foi transformado, por despacho da tutela, no *Curso Complementar de Comércio*.

Porém, contrariando as expetativas, a comunidade local não reagiu positivamente a esta inovação e tudo continuou como até aí – a Escola vivia num estado de quase hibernação, acompanhado por algum desânimo.

O Dr. Luís Bernardo Leite de Ataíde é substituído em 1936, sucedendo-lhe na direção Domingos Rebelo, um antigo aluno da



Escola, que dirige a mesma durante cerca de um mês. O seu substituto é José Glória de Andrade, que dirigiria os destinos da Escola até 1940, altura em que Domingos Rebelo é reconduzido no cargo de Diretor, desta vez por nomeação definitiva.

Em 1937, o Dr. Duarte Manuel de Andrade Albuquerque Bettencourt, Presidente da então Junta Geral do Distrito Autónomo, compra um novo edifício. A Escola muda-se, em outubro de 1937, para a Rua do Mercado, nºs. 1 e 3.

Estas novas instalações situavam-se junto ao Teatro Micaelense, no edifício onde funciona hoje a Escola Roberto Ivens.

Em 1947 é publicado o *Estatuto do Ensino Profissional Industrial e Comercial* (Dec. 37029). Este estatuto veio trazer novos cursos, bem como a exigência de um *exame de admissão* para os frequentar.

Durante a presidência do Dr. Mário Matos Ramos, a Escola atravessou uma época de alguma instabilidade ultrapassada, em 1949, com a nomeação do Dr. Carreiro da Costa, personalidade de elevada qualidade humana e pedagógica, que consegue imprimir uma nova dinâmica e impor a disciplina que há muito faltava.

A partir de setembro de 1950, assume a Direção da Escola o Dr. Aníbal Barbosa, homem dinâmico e empreendedor que promoveu a Escola junto das mais altas instâncias. Sob a sua direção, a Escola deu um grande salto em frente, são expandidas as instalações, tanto em área para docência, como para recreio.

Em 1957, para além do edifício situado na Rua do Mercado, e devido a uma frequência cada vez maior, a *Escola Industrial e*



Comercial de Ponta Delgada ocupa ainda o nº 13 da mesma rua, um edifício que também era pertença da Junta Geral e que sofre algumas obras de adaptação.

O número sempre crescente de alunos obriga a que a Escola tenha que mudar de instalações mais uma vez. A 12 de outubro do ano letivo de 1970-71, a *Escola Industrial e Comercial* muda-se para o seu novo e definitivo edifício, onde ainda hoje funciona a Escola Secundária Domingos Rebelo.

2.2. O Patrono – Notas Biográficas

Domingos Maria Xavier Rebelo nasceu em Ponta Delgada, na Ilha de São Miguel, a 3 de dezembro de 1891. Era filho de José Eduardo Rebelo e de Georgina Augusta Pereira Rebelo. Foi casado em primeiras núpcias com Maria do Carmo Berquó de Aguiar, natural de Ponta Delgada, que faleceu sem deixar descendentes. Em segundas núpcias, casou-se com Josefina Correia, natural de Viseu, de quem teve cinco filhos.

Desde muito novo revelou propensão para o desenho e para a pintura.

Com apenas treze anos de idade, iniciou-se publicamente no mundo das artes como amador, através da exposição de um quadro na montra da Loja Duarte Pereira Cardoso, sita à rua Nova da Matriz, atual rua António José de Almeida.

Tal facto mereceu a atenção dos Condes de Albuquerque que viriam a custear os seus estudos em Paris. Foi aluno de Viçoso May, então Diretor da Escola de Artes e Ofícios Velho Cabral, que soube acalentar os seus dotes artísticos precocemente revelados.





Aos quinze anos partiu para Paris onde frequentou a Academia Julien e Curso Livre na Grand Chaumière, tendo sido, na primeira, discípulo de Jean-Paul Laurens. Aí viveu seis anos, convivendo com outros nomes da pintura portuguesa como Amadeu de Sousa Cardoso, Santa Rita Pintor, Dórdio Gomes, Eduardo Viana, Manuel Bentes, Pedro Cruz entre outros.

Em 1913, estava de regresso à sua ilha natal onde permaneceu trinta anos, deslocando-se de vez em quando a Lisboa e participando com regularidade nas exposições anuais da Sociedade Nacional de Belas Artes. Alcançou os prémios Silva Porto, Rocha Cabral e Roque Gameiro e a Medalha da Sociedade Nacional de Belas Artes, em 1925, com o retrato de Viçoso May.

Em 1920, com vinte e oito anos, deslocou-se ao Brasil onde foi distinguido com a medalha de prata numa exposição individual efetuada no Rio de Janeiro.

Durante a maior parte da sua vida em Ponta Delgada, residiu na antiga Rua Papa Terra, em frente à Escola que hoje ostenta o seu nome.

No longo percurso desta instituição – Escola de Desenho Industrial Velho Cabral, Escola de Artes e Ofícios Velho Cabral, Escola Industrial e Comercial Velho Cabral, Escola Industrial e Comercial de Ponta Delgada e atual Escola Secundária Domingos Rebelo – em três momentos distintos se fez sentir a presença do pintor: primeiro como aluno, depois como professor e ainda como diretor.

Foi ainda professor de desenho do então Liceu Nacional de Ponta Delgada.



Em 1942, Domingos Rebelo estabeleceu-se definitivamente em Lisboa, onde completou a obra a fresco iniciada pelo pintor Sousa Lopes (quatro dos sete painéis que decoram o Salão Nobre da Assembleia da República).

Em 1950 percorreu várias cidades italianas como bolsheiro do Instituto de Alta Cultura.

Voltou por várias vezes aos Açores para executar obras encomendadas por instituições públicas ou particulares, como os frescos que servem de fundo às salas de audiência dos Tribunais de Angra do Heroísmo e de Ponta Delgada.

Fazem parte da obra do artista composições para tapeçaria que figuram na cidade universitária de Coimbra, bem como miniaturas em barro de cariz etnográfico que se encontram no Museu de Ponta Delgada.

Foi diretor da Biblioteca e Museu do Ensino Primário em Benfica.

Expôs no Estoril onde obteve a 1ª medalha em aguarela.

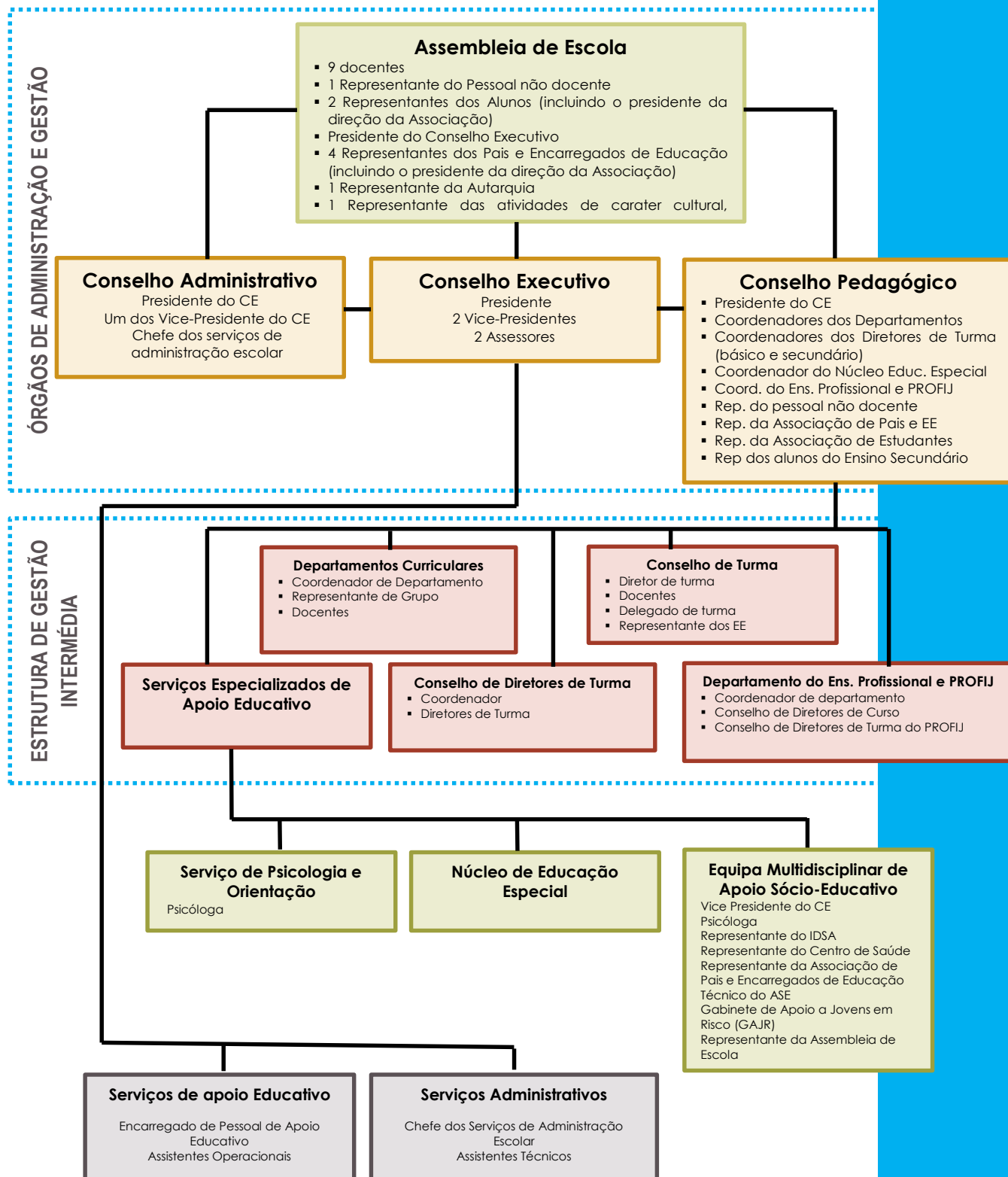
Foi membro da Sociedade Nacional de Belas Artes, de que foi diretor, vogal da Academia Nacional de Belas Artes entre 1947 e 1970 e, a partir dessa data, vogal honorário.

Domingos Rebelo foi um artista com características muito peculiares e que, por isso, sempre soube persistir nos cânones das escolhas artísticas estabelecidas.

Domingos Rebelo foi um homem cujas raízes podemos encontrar aqui, na terra e no povo açoriano. Faleceu em Lisboa no dia 11 de janeiro de 1975.



3. Orgânica da Escola





4. Caracterização da Escola

4.1 Alunos

A Escola Secundária Domingos Rebelo é uma Escola do meio urbano que recebe, para o 7º ano de escolaridade, alunos provenientes da Escola Básica Integrada Roberto Ivens e da Escola Básica Integrada Canto da Maia. No ensino secundário dá continuidade ao percurso formativo dos alunos que frequentaram o 3º ciclo na Escola, acolhendo ainda alunos das restantes escolas básicas integradas e secundárias do concelho. Recebe, também, alunos de outros concelhos que procuram cursos que não fazem parte do elenco formativo das escolas mais próximas das suas residências.



Alunos apoiados pelo Núcleo de Educação Especial no triénio 2012/2015

IDADES	BÁSICO	2012/2013				2013/2014				2014/2015						
	DOMÍNIOS	COGNITIVO	COMUNICAÇÃO	EMOCIONAL/PERSONALIDADE	SENSORIAL: AUDIÇÃO	SAÚDE FÍSICA	COGNITIVO	COMUNICAÇÃO	EMOCIONAL/PERSONALIDADE	SENSORIAL: AUDIÇÃO	SAÚDE FÍSICA	COGNITIVO	COMUNICAÇÃO	EMOCIONAL/PERSONALIDADE	SENSORIAL: AUDIÇÃO	SAÚDE FÍSICA
12		2	3		1	1							2			
13		1	3	2		1	5	3		1	2	2	2			
14		6	2				2	4	2		1	12	5		1	2
15		4	2	2			7					9	4			1
16			2	1			2	4	1			11				
17							1		1			2				
18																
TOTAL		13	12	5	1	2	17	11	4	1	3	36	13	1	3	

IDADES	SECUNDÁRIO	2012/2013				2013/2014				2014/2015						
	DOMÍNIOS	COGNITIVO	COMUNICAÇÃO	EMOCIONAL/PERSONALIDADE	SENSORIAL: AUDIÇÃO	SAÚDE FÍSICA	COGNITIVO	COMUNICAÇÃO	EMOCIONAL/PERSONALIDADE	SENSORIAL: AUDIÇÃO	SAÚDE FÍSICA	COGNITIVO	COMUNICAÇÃO	EMOCIONAL/PERSONALIDADE	SENSORIAL: AUDIÇÃO	SAÚDE FÍSICA
15						1		2					1	2		
16				1					1		1	1	2	1		
17					1		1	2				2	2	1		1
18			2						1				2			
19				1	2			1								
20																
21																
TOTAL			2	2	3	1	1	5	2		1	3	7	4		1



4.1.1 Resultados escolares

RESULTADOS ESCOLARES NO TRIÉNIO 2012/2015

ENSINO BÁSICO

3º CICLO									
	7º ano			8º ano			9º ano		
	2012/13	2013/14	2014/15	2012/13	2013/14	2014/15	2012/13	2013/14	2014/15
Matriculados	291	268	255	248	205	198	186	240	194
Transição/Conclusão	208	177	177	216	162	169	144	191	170
Retenção	74	78	70	29	37	27	37	41	20
Desistência/Abandono/Exclusão							1		1
Transferência	9	13	8	3	6	2	4	8	3
Taxa de sucesso	73,8	69,4	71,7	88,2	81,4	90,1	79,1	82,3	89,0

CURSOS PROFISSIONALMENTE QUALIFICANTES									
	PROFIJ NÍVEL II - tipo 2 1º ano			PROFIJ NÍVEL II - tipo 2 2º ano			PROFIJ NÍVEL II - tipo 3		
	2012/13	2013/14	2014/15	2012/13	2013/14	2014/15	2012/13	2013/14	2014/15
Matriculados	55	38	52		27	21			17
Transição/Conclusão	24	20	27		27	17			12
Reprovação	28	16	19			4			3
Desistência/Exclusão	1								2
Transferência	2	2	6						
Taxa de sucesso	46,2	55,6	58,7		100	81,0			80,0



ENSINO SECUNDÁRIO

CURSOS CIENTÍFICO-HUMANÍSTICOS									
	10º ano			11º ano			12º ano		
	2012/13	2013/14	2014/15	2012/13	2013/14	2014/15	2012/13	2013/14	2014/15
Matriculados	351	378	329	261	273	294	241	199	248
Transição/Conclusão	204	256	243	204	236	257	136	114	167
Retenção	94	78	57	34	23	21	86	75	63
Desistência/Exclusão	23	1	3	17	7	7	5	5	8
Transferência	30	47	26	6	7	9	1	6	10
Taxa de sucesso	68,5	77,6	81,0	82,3	91,1	92,4	57,9	60,6	72,6

CURSOS PROFISSIONAIS									
	10º ano			11º ano			12º ano		
	2012/13	2013/14	2014/15	2012/13	2013/14	2014/15	2012/13	2013/14	2014/15
Matriculados	137	112	229	19	61	39	20	17	41
Transição/Conclusão	66	35	57	15	49	33	14	17	32
Retenção	49	36	73	4	5	1	6	0	4
Desistência/Exclusão	17	15	40	0	5	3	0	0	4
Transferência	5	26	59	0	2	2	0	0	1
Taxa de sucesso	57,4	49,3	47,5	78,9	86,0	97,1	70,0	100	88,9



4.1.1.1 Resultados do Concurso Nacional de Acesso ao Ensino Superior

	2013		2014		2015	
Totais Gerais						
Alunos inscritos para exame	511		491		505	
Tencionavam candidatar-se	264	52%	221	45%	229	45%
Apresentaram candidatura	127	48%	102	46%	132	58%
Foram colocados na 1ª fase	121	95%	100	98%	126	95%
Opção média de colocação	1,26		1,26		1,56	
Colocados por opção						
1ª opção	98	81%	83	83%	90	71%
2ª opção	17	14%	12	12%	16	13%
3ª opção	4	3%	3	3%	9	7%
4ª opção	1	1%	1	1%	9	7%
5ª opção	1	1%	0	0%	1	1%
6ª opção	0	0%	1	1%	1	1%

4.2 Pessoal Docente e Não Docente (2014/2015)

		Masc.	Fem.	Total	Média de idades	QND
Pessoal Docente		58	146	204	48	179
Pessoal Não Docente	Assistentes Operacionais	11	32	43	48	-
	Assistentes Técnicos	1	11	12	53	-



II DESENVOLVIMENTO DO PROJETO EDUCATIVO

1. Finalidades do Projeto Educativo

- Criar uma comunidade educativa que se oriente para o crescimento intelectual, afetivo e social dos seus membros;
- Favorecer o desenvolvimento da autonomia pessoal, alicerçada numa consciência crítica dos interesses e valores e no conhecimento das capacidades e aptidões próprias, dentro de princípios de liberdade, responsabilidade e solidariedade;
- Promover a capacidade de análise, do espírito crítico e da criação de soluções alternativas para os problemas da realidade envolvente;
- Contribuir para o desenvolvimento total da pessoa – mente e corpo, inteligência e sensibilidade, sentido estético e de responsabilidade pessoal;
- Criar relações francas dentro da Escola e entre a sociedade e a Escola;
- Contribuir para a melhoria da qualidade de vida escolar;
- Formar as pessoas a nível científico, tecnológico, pedagógico e cívico;
- Dotar a Escola de condições que lhe permitam enfrentar as mudanças, cada vez maiores, do universo escolar e profissional;



- Promover a igualdade de oportunidades de sucesso educativo/escolar através de medidas que contribuam para compensar desigualdades e resolver dificuldades específicas de aprendizagem;
- Promover o despiste e a orientação vocacional;
- Inculcar o desejo de uma educação que não se reduza a uma mera escolarização, mas prossegue ao longo de toda a vida, proporcionando aos indivíduos o conhecimento do mundo que os rodeia para que se comportem, nele, como sujeitos responsáveis e justos;
- Dotar a Escola de recursos humanos e materiais adequados ao desempenho das diferentes funções;
- Institucionalizar uma segunda oportunidade de sucesso educativo, diversificando o currículo.

2. Princípios, Valores e Competências

Num contexto sociocultural profundamente marcado pela mudança, instabilidade e crise dos fundamentos tradicionais, da racionalidade e da moralidade, cumpre à comunidade educativa, nas suas várias dimensões, assumir a complexidade do momento presente e, na incerteza do futuro, delinear perspectivas de rumo que passem pela assunção de princípios gerais orientadores da sua prática, pela seleção de valores a respeitar e desenvolver, e identificação de competências gerais a almejar, sob pena de, na ausência de um referencial axiológico, deturpar o mais fundamental da sua vocação.



1. Princípios

Neste sentido, considera-se fundamental que a Escola oriente a sua prática na estrita observância dos seguintes princípios: reflexão, comunicação e dinamismo.

REFLEXÃO

Uma comunidade que não se tome por objeto de reflexão, que não se pense a si própria enquanto organização, não reúne as condições que lhe permitam assumir uma identidade e projetar-se de modo consistente e consequente. Assim, impõe-se a emergência de uma cultura escolar que passe pela criação de hábitos de reflexão, análise e avaliação.

É certo que a Escola está impregnada da urgência da ação. Todavia, isto não pode obstar a que os seus diferentes agentes, alunos, pais, professores, funcionários e membros da comunidade cultivem o hábito de repensar os seus procedimentos, reunindo dados que caracterizam objetivamente, as suas práticas e lhes facultem indicadores das medidas de correção a adotar.

Torna-se também evidente que a análise e avaliação têm de ser consequentes, o que quer dizer conduzir a ações mais conscientes. No entanto, tal não será possível sem uma ética comunicacional e sem que os canais de comunicação funcionem.

COMUNICAÇÃO

A partilha efetiva do conhecimento, das reflexões e experiências, assim como das variadas competências de cada um é, por si só,



um valor. Contudo, como condições prévias há que admitir que os participantes estejam animados pelo desejo de, em conjunto, descobrir a verdade, empenhar-se efetivamente na sua procura e falar com verdade.

DINAMISMO

Uma escola culturalmente viva tem mais probabilidades de se configurar como um espaço de aprendizagens significativas para todos os elementos nela intervenientes.

Um mundo globalizado, pluridimensional, rico na diversidade de modos de ser e de estar, não pode continuar a ter uma escola unidimensional.

A escola como espaço de educação formal não pode entender em sentido restrito o ato educativo, confinando-o à transmissão de conhecimentos. Pelo contrário, deve encará-lo na sua dimensão teleonómica de educar e de educar para o bem, para a realização progressiva do que é tido como mais valioso para cada ser humano e para a comunidade em que ele vive, e de educar para a felicidade. Como tal, deve preocupar-se em dinamizar atividades, participar em projetos, criar e executar os seus próprios projetos de promoção do bem-estar dos alunos e da comunidade. Isto só é possível com motivação, cooperação, criatividade e muito dinamismo.

Sem ter a pretensão de se afirmar como um lugar de plena realização de todos os agentes da comunidade educativa, pela dimensão utópica de tal desiderato, a escola, ao refletir sobre as



suas práticas, seguindo uma ética comunicacional, e orientando-as pelo princípio do dinamismo, almejará um grau de sucesso educativo dos alunos sempre crescente.

2. Valores

Por mais complexa que seja a tarefa de indicar valores a respeitar e a desenvolver na ação educativa, na sociedade contemporânea aberta devido à comunicação rápida entre comunidades e na qual coexistem múltiplos códigos morais, caracterizados pela flexibilidade e até permissividade, a sua inevitabilidade é intransponível.

Neste sentido, considera-se pertinente continuar a pretender desenvolver nos membros da comunidade educativa os valores já anteriormente consignados no Projeto Educativo: liberdade e responsabilidade; solidariedade, respeito e tolerância; amizade e cooperação e justiça.

LIBERDADE E RESPONSABILIDADE

O relacionamento agora estabelecido entre liberdade e responsabilidade deriva da consciência de que este par axiológico é irreduzível. Com efeito, separar em termos absolutos a liberdade pessoal e social do seu reverso – a responsabilidade – é ilusório e perverso. O exercício de uma vontade livre no quadro duma responsabilidade pessoal, intransponível e solidária parece-nos mais conforme às exigências do mundo pós-moderno.



SOLIDARIEDADE, RESPEITO E TOLERÂNCIA

A exigência de uma educação para a cidadania livre e responsável, impõe o dever de solidariedade para com todos, a obrigação do respeito por si, pelos outros e pelo meio envolvente e da tolerância.

AMIZADE E COOPERAÇÃO

A partilha desinteressada, já anteriormente referida, não é possível fora de um quadro de amizade e de cooperação.

JUSTIÇA

A justiça será um valor a preservar nas suas vertentes de igualdade de direitos e equidade. A escola será tanto mais justa quanto mais puser a sua força ao serviço do Direito e dos direitos e, na proclamação da igualdade, assegurar o exercício de uma verdadeira justiça.

2.3 Competências

“Nesta visão prospetiva, uma resposta puramente quantitativa à necessidade insaciável de educação — uma bagagem escolar cada vez mais pesada — já não é possível nem mesmo adequada. Não basta, de facto, que cada um acumule no começo da vida uma determinada quantidade de conhecimentos de que possa abastecer-se indefinidamente. É, antes, necessário estar à altura de aproveitar e explorar, do começo ao fim da vida, todas as ocasiões de atualizar, aprofundar e enriquecer estes primeiros conhecimentos, e de se adaptar a um mundo em mudança.”

Relatório para a UNESCO da Comissão Internacional sobre Educação para o século XXI



A atividade educativa deve organizar-se em torno de quatro aprendizagens fundamentais que serão os pilares do conhecimento:

- **aprender a conhecer**, isto é, adquirir os instrumentos da compreensão;
- **aprender a fazer**, para poder agir sobre o meio envolvente;
- **aprender a viver juntos**, a fim de participar e cooperar com os outros em todas as atividades humanas;
- **aprender a ser**, via essencial que integra as três precedentes.

3. Missão

- Assegurar a melhoria efetiva dos resultados de aprendizagem, a redução real e efetiva da taxa de insucesso escolar e a prevenção do abandono escolar, são prioridades do Projeto Educativo e do Plano Anual de Atividades;
- Aumentar os níveis de motivação e de reconhecimento pessoais e profissionais dos docentes e não docentes;
- Envolver os Encarregados de Educação em todo o processo educativo.



4. Áreas de Atuação





5. Quadro de Operacionalização da Ação Educativa

I - Sucesso dos Alunos			
OBJETIVOS	ESTRATÉGIAS	OPERACIONALIZAÇÃO	INDICADORES DE AVALIAÇÃO/SUCESSO
A. Melhorar a qualidade do processo de ensino-aprendizagem	1) Gerir os conteúdos dos programas de forma a fomentar modelos e técnicas diversificadas de aprendizagem	Diversificar, diferenciar e ajustar práticas pedagógicas no sentido de responder às necessidades, características e interesses dos alunos	Taxa de professores a utilizar o <i>moodle</i> e o quadro interativo
		Criar hábitos de trabalho individual e em grupo, fomentando a pesquisa e a investigação, perspetivando atitudes de autonomia	Utilização do <i>moodle</i>
		Criar condições que possibilitem o trabalho interdisciplinar	Nº de reuniões de trabalho interdisciplinar, utilização do <i>moodle</i>
	2) Promover a coordenação e articulação intra e interdepartamental a nível científico e de consolidação de processos pedagógicos, visando a melhoria dos resultados académicos	Promover reuniões de articulação curricular	Aumentar a frequência de trabalho colaborativo
		Implementar estratégias colaborativas entre professores a nível da planificação, produção de materiais, definição e aplicação de critérios de avaliação e elaboração de instrumentos de avaliação.	Materiais elaborados
		Implementar um método sistemático de aferição e calibração de testes e classificações	Critérios de classificação elaborados pelos departamentos curriculares
B. Aumentar os índices de sucesso académico internos e externos	1) Proporcionar aos alunos alternativas de formação e integração na vida ativa	Reorientar vocacionalmente os alunos que revelem insucesso ou inadaptação ao percurso escolar, apresentando-lhes alternativas formativas	Taxa de retenções repetidas
		Promover contatos com empresas e/ou outras instituições	Nº de contatos com empresas e/ou outras instituições
		Promover cursos orientados para a vida profissional e conclusão da escolaridade obrigatória	Existe / Não Existe
	2) Promover percursos de educação e formação diversificados	Manter a oferta formativa nos Cursos Científico-Humanísticos	Taxa de transição/conclusão do ensino secundário dos cursos CH
		Adequar a oferta formativa dos Cursos Profissionais à realidade envolvente	Taxa de transição dos Cursos Profissionais
	3) Fomentar mecanismos de avaliação como forma de melhorar o planeamento e gestão de atividades	Aplicar os Testes Intermédios elaborados pelo IAVE	Média dos Testes Intermédios
		Comparar os resultados académicos com outras escolas da região, utilizando os diversos instrumentos (relatórios dos Testes Intermédios, instrumento de <i>benchmarking</i> disponibilizado pelo BESP)	Média dos Exames Nacionais Comparação da Média da Escola com as restantes na NUT III - RAA
		Implementar testes intermédios a nível de escola por ano e disciplina no ensino básico e secundário	Média dos testes intermédios a nível de escola



C. Reduzir os níveis de abandono escolar, o absentismo e as anulações de matrícula	1) Monitorizar sistematicamente:	Os resultados dos apoios educativos, do abandono escolar e do insucesso	Taxa de transição/conclusão
		O absentismo dos alunos e do pessoal docente e não-docente	Taxa de alunos com excesso de faltas
		O número de ocorrências de natureza disciplinar e medidas adotadas	Nº de comportamentos graves e medidas adotadas
		A frequência da participação dos Pais e Encarregados de Educação	Taxa de participação dos pais e encarregados de educação nas reuniões com os DT
	2) Prevenir comportamentos de indisciplina, promovendo hábitos cívicos e evitando comportamentos de risco	Desenvolver, em articulação com a Escola Segura, ações especiais de contato junto dos jovens, visando promover comportamentos de segurança	Taxa de satisfação em relação à segurança
		Encaminhamento dos alunos para o Gabinete de Intervenção Disciplinar	Taxa de alunos encaminhados para o GID
	3) Combater o abandono escolar	Reforçar a atribuição da tutoria como modalidade de apoio	Valores de abandono escola Taxa de anulação de matrícula/disciplina no ensino secundário, quando não resultantes da mudança de percurso escolar
		Envolver a representação na escola da CPCJ na monitorização e acompanhamento dos alunos em processo de abandono escolar, com vista à sua recuperação e/ou reorientação	Taxa de alunos retidos por excesso de faltas
		Assegurar os processos de substituição de docentes	Percentagem substituições de professores ausentes por mais de 30 dias
	4) Otimizar o tempo de permanência dos alunos na escola, quando se encontrem sem aulas, por motivo do seu horário ou de ausência imprevista ou de curta duração dos docentes;	Atualizar o material existente na Biblioteca/Centro de Recursos, no sentido de melhorar as condições existentes, proporcionando o apoio a alunos no desenvolvimento das competências de estudo, de hábitos de trabalho autónomo e de pesquisa	Taxa de utilização e frequência da BE/CRE
	D. Promover uma política ativa de inclusão socioescolar	1) Reforçar o papel dos apoios educativos	Desenvolver, em colaboração com o Núcleo de Apoio Educativo, condições que contribuam para que os alunos com Necessidades Educativas especiais adquiram autonomia, estabilidade emocional e sucesso educativo, assegurando a sua preparação para o prosseguimento de estudos e/ou inserção na vida ativa
Aplicar o programa Fenix-Açores (Despacho Normativo N°31/2015 de 26 de Agosto de 2015)			
Desenvolver os apoios específicos adequados às necessidades escolares ou às aprendizagens dos alunos, quer através das várias modalidades de apoio pedagógico (Apoio Pedagógico, Sala de Estudo), quer através dos Serviços de Psicologia e Orientação escolar			Taxa de sucesso dos alunos que frequentam o apoio
Incluir nos horários dos professores horas para apoio a alunos, no sentido de concretizar os planos de apoio propostos			Nº de turmas abrangidas pelos apoios por disciplina
2) Reforçar o papel dos Serviços de Psicologia e Orientação		Reforçar o acompanhamento e orientação vocacional por parte dos SPO	Taxa de participação de alunos do 9º ano no programa de orientação vocacional



II. Atividades e Projetos de Enriquecimento e Complemento Curricular

OBJETIVOS	ESTRATÉGIAS	OPERACIONALIZAÇÃO	INDICADORES DE AVALIAÇÃO/SUCESSO
A. Elaborar um Plano Anual de Atividades com uma oferta diversificada de atividade e projetos de complemento e enriquecimento curricular	1) Sublinhar as vertentes ecológica, científica, tecnológica, novas tecnologias, profissional e cívica da formação	Organizar fóruns, debates, conferências e atividades culturais de diferente natureza de modo a enriquecer e personalizar a escola	Taxa de cobertura de turmas envolvidas em projetos/atividades
		Dinamizar ações e campanhas de solidariedade social e de educação ambiental	Nº de projetos desenvolvidos
		Realizar atividades no âmbito do Programa Eco-Escolas	Nº de projetos premiados
		Promover campanhas de utilização racional da energia e de recolhas seletivas de lixo	Taxa de participação dos destinatários das atividades
	2) Desenvolver o gosto pelas atividades culturais, desportivas, lúdicas e recreativas	Desenvolver uma política de cultura desportiva na Escola, organizando atividades desportivas através do Desporto Escolar e da disciplina de Educação Física	Nº de participantes nas atividades
		Apoiar as atividades dos departamentos e dos clubes/grupos existentes e fomentar a criação de outros	
		Institucionalizar o dia da escola	
	3) Promover a participação na vida cívica da comunidade educativa de modo livre, solidário e crítico	Dinamizar ações e/ou palestras relacionadas com os principais problemas que afetam a comunidade educativa em cooperação com associações atuantes nas respetivas áreas	
	4) Promover o desenvolvimento integral dos membros da comunidade educativa enquanto pessoas	Dinamizar equipas de trabalho, serviços de apoio ou clubes com vista a desenvolver atividades no domínio da sensibilização de problemas sociais atuais como: tabagismo, alcoolismo, violência, toxicod dependência, sexualidade, saúde e solidariedade	Nº de equipas, de serviços de apoio, de clubes e de alunos abrangidos
	5) Sensibilizar para a intervenção na vida política	Organizar um núcleo de alunos e professores que promovam a formação política e ecológica da comunidade escolar	Nº de atividades desenvolvidas
6) Promover o gosto pela cultura física na comunidade escolar	Promover a organização de caminhadas ou passeios pedestres	Nº de caminhadas e de participantes	
7) Promover a saúde e a educação sexual na comunidade educativa	Promover atividades no âmbito do Programa Regional de Saúde Escolar e Saúde Infante-juvenil (PRSESIJ)	Nº de atividades desenvolvidas e de participantes	



III. Formação do Pessoal Docente e Não Docente

OBJETIVOS	ESTRATÉGIAS	OPERACIONALIZAÇÃO	INDICADORES DE AVALIAÇÃO/SUCESSO
A. Promover uma formação adequada e ajustada às necessidades organizacionais e profissionais	1) Proporcionar ao pessoal docente atualização em áreas fundamentais da sua atividade	Criar o centro de formação da Escola Secundária Domingos Rebelo	Sim/Não
		Estabelecer parcerias com outras entidades formadoras (Universidade dos Açores, centros de outras escolas, Sindicatos, etc.)	Percentagem de ações concretizadas previstas nos planos de formação
		Promover Atividades Formativas e troca de experiências	Nº de atividades e participantes
		Conceber, implementar e avaliar projetos de formação para professores, aprofundando as suas competências no domínio da sua atividade	Nº de projetos e participantes
	2) Proporcionar ao pessoal docente formação com vista à generalização das TIC enquanto estratégia de ensino-aprendizagem	Realizar pequenas sessões formativas para apresentação de tecnologias multimédia, aprofundando as competências no domínio da atividade docente	Níveis de satisfação



IV. Organização e Gestão Escolar

OBJETIVOS	ESTRATÉGIAS	OPERACIONALIZAÇÃO	INDICADORES DE AVALIAÇÃO/SUCESSO
A. Promover uma gestão descentralizada, participada e flexível	1) Desenvolver a articulação entre os diferentes documentos estratégicos: PEE, PCE, RI, PAA e PCT	Realizar ações de divulgação dos documentos estratégicos da Escola	Grau de participação dos diversos intervenientes na tomada de decisão Nº de reuniões por ano
	2) Motivar e implicar os membros da comunidade educativa na resolução de problemas	Promover, periodicamente, a realização de encontros de delegados de turma	
	3) Fomentar o diálogo e o espírito de equipa na e da comunidade educativa	Promover periodicamente reuniões com os Auxiliares de Ação Educativa	
		Promover periodicamente reuniões com os Professores	Nº de Atividades
B. Gestão dos recursos materiais	1) Dotar a escola de condições físicas e materiais necessárias ao desenvolvimento das atividades educativas, de acordo com as exigências dos currículos nacional e regional;	Reestruturar a sala que irá acolher o museu da Escola; Renovar o espaço de atendimento aos encarregados de educação; Criar sala para atividades recreativas (antigo bar dos alunos); Proceder à pavimentação dos espaços exteriores da Escola.	Data de conclusão do Projeto
		2) Zelar pela manutenção dos espaços e equipamentos existentes, garantindo condições de boa funcionalidade;	Valorizar os espaços com exposições de trabalhos realizados pela comunidade escolar; Sensibilizar os alunos para a necessidade de preservar e manter limpo o espaço escolar; Maximizar a participação de todas as turmas no Projeto "Escola Limpa", implementando uma calendarização logo no início do ano letivo
	3) Promover a criação do Museu da Escola;	Reunir materiais e equipamentos que traduzam a história da Escola e sirvam o acervo documental	Nº de turmas participantes
			Evolução do acervo



V. Relação Escola /Comunidade

OBJETIVOS	ESTRATÉGIAS	OPERACIONALIZAÇÃO	INDICADORES DE AVALIAÇÃO/SUCESSO
A. Intensificar as relações com o Meio	1) Aprofundar a ligação escola/meio de forma a potenciar a escola como lugar de formação de cidadãos ativamente empenhados na promoção da comunidade educativa, nos aspetos social, cultural e económico	Organizar ações e atividades abertas à comunidade	Nº de ações e atividades
		Divulgar, na comunicação social, os eventos e atividades realizados pela escola	Nº de artigos publicados no “Fora de portas e no Blogue da Escola
		Estabelecer parcerias com instituições de carácter social, cultural e humanitário, tais como, ONG, AMI, Amnistia Internacional, Kairós e Bombeiros Voluntários	Nº de protocolos com parceiros educativos
		Consolidar parcerias com Empresas e entidades com vista ao Mecenato dos Prémios de Mérito académico	Nº de parcerias estabelecidas
		Cooperar com a autarquia na promoção da educação e da cultura	Nº de contatos estabelecidos
		Institucionalizar o Dia da Escola para a construção de uma imagem de escola “Domingos Rebelo” como sinónimo de inovação, de qualidade e de abertura ao meio	Nº de atividades realizadas Nº de participantes Nº de alunos no quadro de excelência
		Manter a página da escola atualizada com a legislação e documentos pedagógicos em vigor	Atualizada / Não Atualizada
B. Aumentar a participação dos Pais e encarregados de educação na vida da escola e no processo educativo	1) Promover a interligação dinâmica entre a escola e a comunidade educativa de modo a contribuir para a formação dos alunos	Colaborar com a Associação de Pais e Encarregados de Educação e de grupos escolares com ligações a associações ambientais e de promoção de saúde	Sim / Não
		Promover reuniões de Pais e Encarregados de Educação com os Diretores de Turma	Nº de contatos entre os pais e encarregados de educação e os DT
		Realizar reuniões entre o Conselho Executivo e a Associação de Pais e Encarregados de Educação	Nº de reuniões entre CE e a Associação de Pais e Encarregados de Educação



III AVALIAÇÃO

A “ Autoavaliação é o processo pelo qual uma escola é capaz de olhar criticamente para si mesma com a finalidade de melhorar posteriormente os seus recursos e o seu desempenho”

(ESIS, 2000) European Survey of Information
Society

Um documento como o Projeto Educativo tem de ser encarado como abrangente, dinâmico e flexível, suscetível de ajustamentos e melhorias, isto é, um documento congregador e espelho da ação e do esforço de toda a comunidade educativa.

A operacionalização do Projeto Educativo acontece através dos Planos Anuais de Atividades, dos Projetos Curriculares de Escola e de Turma e dos Projetos Formativos. Logo, a avaliação da ação desenvolvida através destes planos, que deverá contemplar tanto o processo como os resultados, no seu conjunto constituirá o suporte para a avaliação intermédia e final do Projeto Educativo.

Tratando-se de um documento que preconiza a ação de todos os intervenientes e estruturas existentes na Escola, torna-se importante reunir, também, a informação veiculada por estes, nomeadamente através de relatórios anuais que retratem o



modo de funcionamento e o grau de consecução das finalidades, competências, objetivos e princípios do Projeto Educativo.

Para que existam critérios de objetividade na avaliação, considera-se importante a elaboração de um instrumento de avaliação (a anexar), para o conjunto de atividades, de forma a permitir uma perceção correta dos resultados e, se necessário, introduzir as respetivas alterações ao longo do processo.

Em síntese, o sucesso deste Projeto Educativo passa necessariamente pelo envolvimento, empenhado e dedicado, de toda a comunidade educativa.

Aprovado em Assembleia de Escola
de 4 de novembro de 2015



ANEXOS

Anexo 1

Grelha de Propostas de Atividades para o PAA

Áreas de Atuação *	Objetivos*	Atividades	Calendarização	Organização	Destinatários



Anexo 2

AVALIAÇÃO DAS ATIVIDADES – PREENCHIMENTO ON-LINE

Este questionário pretende ser usado como Instrumento de Recolha de Evidências para Avaliar o Plano Anual de Atividades da Escola Secundária Domingos Rebelo. Depois de auscultar a opinião da sua turma sobre a visita de estudo|saída de campo|atividade, preencha o seguinte questionário. Assinale a opção que considere mais adequada.

Ano|Turma

Designação da atividade

Disciplina(s) Envolvida(s)

Número de alunos envolvidos

Local

Interesse da atividade

1 2 3 4 5

Não satisfaz satisfaz plenamente

Organização da atividade

1 2 3 4 5

Não satisfaz Satisfaz plenamente

Duração| Gestão do tempo

1 2 3 4 5

Não satisfaz satisfaz plenamente



Contributo para as aprendizagens no âmbito das disciplinas envolvidas *

Indique os principais aspetos positivos

Indique os principais aspetos negativos

Apreciação global

1 2 3 4 5

Não satisfaz satisfaz plenamente